

## CONFERÊNCIA DE ABERTURA SABERES E DIREITOS EM DISPUTA<sup>1</sup>- MÁRCIA TIBURI

Mediação: Prof. Dr. Elton Xavier (PPGDS/Unimontes)  
Prof. Dr. Ildenilson Meireles (PPGDS/Unimontes)

A conferência de abertura do VII Congresso em Desenvolvimento Social intitulada “Saberes e direitos em disputa” e proferida pela Profa. Dra. Márcia Tiburi<sup>2</sup>, pautou-se pela concepção de Filosofia Prática e por três eixos temáticos: guerra cultural, psicopoder e a relação entre ética e política. Nessa perspectiva, as discussões indicaram a necessidade de tratar o pensamento como mecanismo para transformação, como instrumento capaz de ultrapassar o universo abstrato da linguagem, tendo em vista atingir o estado concreto que se afirma mediante ações proativas. Em termos práticos, salientou-se a necessidade de que as produções acadêmicas alcancem diferentes dimensões sociopolíticas e configurações públicas para impulsionarem a melhoria do mundo.

As discussões alusivas à guerra cultural, produzida e disseminada no Brasil de modo estratégico em uma sociedade cindida e insuficientemente democrática, reforçam o quanto saberes e direitos tendem a ser decompostos diante de tensionamentos de ordens diversas. Ressalta-se que no Brasil, o fenômeno em questão é resultante da prevalência histórica de ações conservadoras, tradicionais e segregadoras, mas que atualmente adquiriu novas expressões por meio da popularização da internet e das redes sociais. Identifica-se que na atual conjuntura sociopolítica do país há uma polarização desproporcional entre a estupidez, a barbárie e o fascismo de um lado, e de outro, o conhecimento, a ciência, a democracia, o pensamento crítico, as análises e a inteligência.

Verifica-se que a extrema direita, proeminente não somente no Brasil, reproduz mecanismos que induzem à ignorância, ao medo e à intolerância com o objetivo de aniquilar

<sup>1</sup> Resumo da conferência elaborado pela discente Luciana Santos Lenoir, doutoranda do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social, bolsista Capes, Universidade Estadual de Montes Claros. O conteúdo e a revisão ortográfica dos resumos são de responsabilidade dos autores.

<sup>2</sup> TIBURI, M. **Conferência de abertura** – Saberes e direitos em disputa. PPGDSTV – Canal Oficial do PPGDS/UNIMONTES. Youtube. 05 out. 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CrXIVSq2Z3c&t=465s>> Acesso em: 13 dez. 2020



brutalmente a subjetividade que passou a ser interpretada como ameaça enfatizada pela hegemonia do ódio, numa perspectiva *gramsciana* (na dimensão invertida). E é justamente o universo das subjetividades que incita condutas democráticas e emancipatórias, além de que permite detectar os fundamentos políticos e éticos que norteiam a vida em sociedade.

As abordagens filosóficas fundaram-se em aspectos micro e macro políticos, já exploradas por Maquiavel no século XVI, quando considerava o medo como afeto a ser manipulado e, também, por Spinoza no século XVII, quando interpretou a melancolia como desdobramento da tristeza, como condição capaz de diminuir potência do indivíduo em pensar e agir, além de eliminar a sua capacidade de cultivar desejos. Considera-se, portanto, uma inferência estratégica direcionada para tornar os cidadãos despossuídos de si, condição que oportuniza adesão à tendência dominante fascista.

Na concepção da conferencista, o ódio em sociedades globalizadas e neoliberais constitui-se como tecnologia política de função mercadológica e é um forte combustível antidemocrático, mas que oferta compensações emocionais. O ódio é considerado como construção e produção de uma instância psíquica, porém é um mecanismo de poder alimentado por um sistema oportunista, composto por esquemas de interesses diversos. Destarte, considera-se o psicopoder como uma forma de dominação que determina e calcula o que o indivíduo pensa, sente e faz, por meio de manipulações de afetos, sejam positivos ou não. Tratam-se de heterodeterminações conduzidas por um sistema e que tornam os indivíduos submissos, desprovidos de criticidade.

Nesse contexto, a prática da submissão é coordenada por meio de uma metodologia que envolve circunstâncias de humilhação e de sedução. Identifica-se, de um lado, as massas seduzidas que se sentem acolhidas confortavelmente pelas lideranças autoritárias e, de outro lado, há aqueles que se encontram humilhados e desencadeiam repressões, recalques e prostrações diante de uma força incontrolável, uma vez que o psicopoder foi programado e estruturado em um contexto de guerra cultural.

A ruptura com as condições descritas exigem uma reflexão crítica para compreender como funcionam as articulações de interesses que conduzem as relações de poder, para então atingir o campo da ação, fato que requer luta política. Faz-se necessário nortear mudanças de



paradigmas, num processo criativo, tendo em vista ampliar a noção de política que não se restringe aos aspectos burocráticos ou morais. Trata-se da construção de condições de diálogo, com instrumentos de valorização da coletividade e da política da comunidade.

Desaprendemos a conversar e somos incapazes de constituir um cenário ético-político diferente. O problema é, afinal, nesse contexto discursivo, sempre do outro. O outro, esse alguém que tratamos como se não fosse ninguém é o desafio ético político em uma sociedade que trabalha pela garantia de direitos fundamentais e pelo respeito à singularidade. [...] Precisamos tentar intensamente o diálogo que está tão esquecido e faz muita falta entre nós. O diálogo é uma prática de escala miúda que poderia inspirar escalas maiores. Instaurador do comum, ele deveria ser a base de uma ética do dia a dia, aquele lugar do me tornar quem sou. A ética seria uma boa base de construção de uma outra política (TIBURI, 2016, p. 28)<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> TIBURI, M. **Como conversar com um fascista**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

